



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ABDULAI DJABI

**ISLAMOFOBIA E TERRORISMO: RELATOS E EXPERIÊNCIAS DE
ESTUDANTES GUINEENSES DE INTERCÂMBIO ACADÊMICO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

ABDULAI DJABI

**ISLAMOFOBIA E TERRORISMO: RELATOS E EXPERIÊNCIAS DE
ESTUDANTES GUINEENSES DE INTERCÂMBIO ACADÊMICO**

Projeto de pesquisa apresentado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Antonio Estevam Santos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

ABDULAI DJABI

**ISLAMOFOBIA E TERRORISMO: RELATOS E EXPERIÊNCIAS DE
ESTUDANTES GUINEENSES DE INTERCÂMBIO ACADÊMICO**

Projeto de pesquisa apresentado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Antonio Estevam Santos.

Aprovado em: 11/12/2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo Antonio Estevam Santos (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Proença

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	JUSTIFICATIVA	8
3	OBJETIVOS	15
3.1	OBJETIVO GERAL	15
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
4	METODOLOGIA	18
	REFERÊNCIAS	20

1 INTRODUÇÃO

Em primeiro lugar, não-se pode falar ou narrar a experiência pessoal sem ser grato por ter vivido essa vida mundana causada por Allah, o soberano dos universos, esse reconhecimento inicial é obrigatório para os adeptos desta religião. Se bem que, é uma dada oportunidade que leva um indivíduo a exprimir livremente sua religiosidade.

Cresci numa família islâmica com todos os dogmas e orações, na qual a religião foi atribuída de modo doutrinário. Com cinco anos comecei a encontrar os conceitos traçados no islã, no que diz respeito à introdução islâmica, durante a infância, tudo se começou a ser apreendido em casa. A princípio, a educação islâmica foi um dos eixos norteadores para a prática do islamismo, pois nos ensina como fazer orações. Pouco depois, a escola árabe também abriu um grande desafio, que consistiu numa aprendizagem de forma mais académica. Na verdade, foi uma grande experiência ter sido alfabetizado na língua árabe, isso contribuiu muito para a minha educação religiosa.

Ser virtuoso, não se limita apenas a fazer as orações mas, também fazer caridade, solidarizar e respeitar as outras religiões. Paulatinamente a prática religiosa, desde a minha infância ofertou-me um grande crescimento, pois o papel (aprendizagem) islâmico, é um mérito cujo dinamismo é muito frequente entre os adeptos. Tive que me aglomerar com diferentes pessoas islâmicas, era uma alegria e dádiva, sentir-se confortável nesta religião. Dada a aglomeração das pessoas, fez-se grande avanço nos encontros da leitura alcorânica e compartilhamento das idéias e saberes do islã.

Quanto aos esforços, foram meios fundamentais para contribuir com os trabalhos religiosos, tanto em casa quanto na mesquita, tais como, ensinar as crianças, os adultos e os idosos para compreender melhor educação islâmica, ler, escrever os versículos do Alcorão Sagrado e entender como praticar as orações. Uma das minhas contribuições consistiu no trabalho de tradução da língua inglesa para a língua crioula, quando um grupo de paquistaneses veio a Guiné Bissau sensibilizar a população do bairro Ajuda (região urbanizada e de classe média da capital) para publicizar, conhecer e dar informações sobre a religião islâmica. E algumas vezes, em apelo ao islã, com grandes sensibilizadores, dando discursos sobre as leis islâmicas bem como a vida de Profeta Muhammad (a paz e a benção de Allah estejam com ele).

Nas práticas islâmicas, geralmente as pessoas são reunidas para fazer as ações religiosas de interesse comum nas comunidades, sabe-se que os lugares mais aglomerados de encontro das pessoas para fazer as orações são nas mesquitas, isso nos levou a organizar

também grandes eventos, entre os quais concursos de leituras corânicas e palestras sobre a referida religião. Por conseguinte, dediquei-me também, a fazer os trabalhos religiosos nesses referidos locais, considera-se que esse tipo de prática é um esforço no caminho de Deus, ou seja, uma prática jihadista. Pois, cada um de nós deve fazer ou dar o seu contributo na sociedade, sem que receba as remunerações das pessoas, mas levando em conta as regras da religião, na qual recebe um merecimento de Allah, todo misericordioso.

Esse projeto de pesquisa analisa as experiências dos estudantes islâmicos de Guiné Bissau em projetos de intercâmbio, suas realidades e vivências práticas no campus dos Malês situado na cidade de São Francisco do Conde, no estado da Bahia e no campus da Liberdade, localizado, na cidade de Redenção, no estado do Ceará. Desde a chegada dos alunos islâmicos guineenses para essas duas cidades, os mesmos continuam fazendo as suas práticas religiosas como de maneira habitual, em meio as atividades acadêmicas que são obrigados a realizar.

Mesmo vivendo fora de seu país, esses estudantes mostram-se orgulhosos em fazer as rezas e orações nesses novos espaços, ainda que apresentem muitas dificuldades, tais como, em função do fuso horário, saber o horário correto da oração, e como se posicionar voltado corretamente em direção à Meca, por fim, encontrar um espaço para fazer a purificação e reza, uma vez que precisam de um lugar limpo, tranquilo e sem barulho algum. O estudante Alassana Dem¹, em entrevista para este projeto de pesquisa, relata a respeito dos cuidados que são observados nos refeitórios para não ingerir carne de porco, de forma que alguns estudantes preferem fazer suas refeições em suas próprias moradas. Segundo Alassana, as pessoas ficam curiosas por saber por que o mesmo não come carne suína e nem bebe vinho, então ele responde que é adepto da religião muçulmana.

Uma outra experiência árdua, relatada pelos estudantes entrevistados, consiste na dificuldade financeira que os adeptos encontram para realizar a reza da sexta-feira santa, uma vez que, as mesquitas onde eles poderiam fazer essa prática são muito distantes dos locais que eles moram. São Francisco do Conde fica a 57 km (cinquenta e sete quilômetros) do Centro Islâmico da Bahia, localizado na cidade de Salvador, e o campus Liberdade está a 65 km (sessenta e cinco quilômetros) do Centro Islâmico de Fortaleza. Ainda que as duas grandes festas dos muçulmanos sejam realizadas anualmente, as despesas não se referem

¹ Alassana Dem, guineense, estudante do curso Bacharelado em Humanidades, campus dos Malês, entrevista realizada no dia 16 de dezembro de 2016.

apenas as passagens, inclui também hospedagem e alimentação. Baticã Mane², evidencia isto muito bem.

Aqui não tem mesquita porque se tivesse seria muito bom, quando você estiver com as pessoas que praticam essa religião logo, você fica mais ligado com mais paixão e mais dedicação porém mesmo assim eu estou caminhando graças à Deus.

Pretendemos desenvolver uma pesquisa monográfica a partir dos dados que coletamos com esses estudantes, entre outros que serão oportunamente coletados, com os quais faremos interpretações a partir de suas experiências. Essas são as evidências que justificam esta pesquisa, partindo do exemplo de Cálido Mango³, estudante muçulmano africano que relata suas dificuldades diante da falta de mesquitas.

Em primeiro lugar eu digo que a minha mudança de meu país para cá tem relação com a minha religião, eu deparei com algumas dificuldades que ainda eu contínuo deparando porque lá em Guiné-Bissau, tinha costume de rezar todos os cinco (5) horários na mesquita. Algo que eu não consigo fazer aqui em São Francisco do Conde, por motivo da não existência de uma mesquita.

Procuraremos interpretar também as experiências desses estudantes frente ao medo social dos islâmicos. Sendo assim um dos temas centrais deste projeto é a Islamofobia, esse termo segundo Priscila Silva dos Santos (2016, pp. 79-90), em seu artigo estudos da islamofobia através dos meios de comunicação, aparece escrito pela primeira vez na França na década de 1920 como “islamophobie” e reaparece na década de 1970. No entanto, essas duas aparições do termo contam com diferenças em suas significações. A primeira se refere a disputas e diferenças dentro do Islã e a segunda, ao repúdio aos muçulmanos e ao islamismo.

² Baticã Braima Ença Mané, guineense, estudante do curso de Letras, campus dos Malês, entrevista realizada no dia 12 de dezembro de 2016.

³ Cálido Mango, guineense, estudante do Bacharelado em Humanidades, campus dos Malês, entrevista realizada no dia 12 de dezembro de 2016.

2 JUSTIFICATIVA

Este projeto de pesquisa pretende discutir a islamofobia dentro do contexto das civilizações, suas diferenças e dificuldades, principalmente no que tange as relações políticas, uma vez que, “as ‘civilizações’, ao encontrarem-se, não produzem choques; aliás, os ‘choques’ dizem respeito às entidades políticas, e não tanto culturais”, (TODOROV, 2010, p. 117).

Hoje em dia, os adeptos do islâmismo são vistos como terroristas, principalmente se estiverem morando num país que não seja islâmico, sendo assim eles são perseguidos, investigados, tidos como suspeito e sujeitos a preconceitos. A personalidade física de um islâmico é muito estigmatizado por não-muçulmanos, o jeito como ele se veste, a forma como apresenta o seu cabelo, a barba e até o seu turbante, são vestígios tangíveis que lhe tornam um terrorista e/ou “homem bomba”, que pode “explodir” no meio das pessoas! Sendo assim, consideram os muçulmanos como inimigos, o próprio Alcorão adverte contra esta posição: “Proventura, consideramos os muçulmanos, tal como os pecadores? O que há convosco? Como julgais assim?” (ALCORÃO, 68:35 e 36).

Quanto a esta questão, Abdulai Danfa⁴, estudante muçulmano, guineense, percebe o quanto tornou-se um sujeito diferente ao ser reconhecido em suas práticas muçulmanas.

Eu costumo rezar em casa e às vezes quando algumas pessoas me veem rezando ficam me olhando de uma forma estranha. Muitos colegas brasileiros não têm muita informação sobre o islão, geralmente a tendência é resumir essa religião ao terrorismo, que é uma ideia muito errada. Na UNILAB, havia dia, em que tive que intervir em plena apresentação do seminário e refutar a ideia de associação do islã ao terrorismo. A reação dos brasileiros quanto às minhas práticas islâmicas é geralmente de estranheza. Outro assunto relacionado à minha experiência islâmica na Unilab é sobre uma reportagem numa das rádios de Redenção em que se falou sobre a ligação do islã ao terrorismo e à África, fato que suscitou revolta de muitas pessoas.

Um outro ponto, é como as mulheres são tratadas por causa dos véus que elas usam. Muitas pessoas as vêem como terroristas e elas são atacadas pelo uso desse ornamento islâmico. A estudante africana muçulmana, Fatumata Binta Embaló, estudante do curso de Enfermagem, relata o peso social e falta de respeito com aqueles que usam véu. “Não, só

⁴ Guineense, estudante de Letras, UNILAB/ Redenção, foi entrevistado no dia 11 de dezembro 2016.

pratico em casa. Mas sinto receio de usar véu, uma vez em Fortaleza quando eu estava saindo da mesquita um senhor me perguntou se eu estava no carnaval⁵”.

As imagens apresentadas sobre os muçulmanos nas redes sociais, em sua maioria, são imagens islamofóbicas, e só falam das partes negativas dos muçulmanos, concorda-se que são discursos depreciativos contra os devotos desta religião. O depoimento da estudante do curso de Enfermagem, Dala Djop⁶, expressa por demais os efeitos das imagens construídas pelas redes sociais: “Como é uma cidade pequena, nós somos também o primeiro grupo dos muçulmanos, eles ficam com aquela visão da mídia de que somos terroristas, mas nunca fui agredida porém, já sofri preconceito pessoalmente!”. Djop refere-se a agressão física, embora o preconceito não seja menos violento. Esse cenário aconteceu no Ceara, pois, muitos estudantes passaram por isso, ainda com mais detalhes no depoimento, vejamos o relato de Fatumata Binta Embaló⁷.

No passado mês de junho de 2016, teve uma confusão aqui na universidade UNLAB/ Redenção, onde os africanos foram acusados de serem estupradores, e nessa confusão os estudantes muçulmanos foram também acusados de fazerem parte do Estado Islâmico. A partir daí, sinto receio de dizer que sou muçulmana, pois este povo é muito desinformado, essa ideia está fixa na mente deles.

Certamente o acontecimento de 11 de setembro, marcado historicamente como atentado terrorista no ano de 2001, aumentou ainda mais o preconceito contra os islâmicos, é um tipo de medo que as pessoas têm hoje, uma realidade. Um muçulmano ao viajar, e não importa por qual meio de transporte, para uma cidade ou país onde tem esse preconceito islâmico, ele é vigiado progressivamente, mais do que os não-muçulmanos, isso mostra uma autêntica injustiça contra esses indivíduos. Até os nomes islâmicos são suspeitos, porque para aqueles que associam o terrorismo à religião islâmica, essas pessoas devem ser alvo imediato de investigação. É verídico que, a estranheza é um fenômeno existente entre os grupos humanos. Conforme o depoimento do Alassana Dem, é no cotidiano onde se expressa a associação com o terrorismo.

Até eu passei um susto aqui em São Francisco do Conde, quando eu estava conversando com as meninas brasileiras onde elas perguntaram como é o seu nome? Respondi que meu nome é Alassana e disseram Alassana! É um nome difícil de

⁵ Fatumata Binta Embaló, guineense, estudante do curso de Enfermagem, campus Redenção, entrevista realizada no dia 11 de dezembro de 2016.

⁶ Dala Djop, guineense, estudante do curso de Enfermagem, campus Redenção, entrevista realizada no dia 21 de dezembro de 2016.

⁷ Fatumata Binta Embaló, guineense, estudante do curso de Enfermagem, campus Redenção, entrevista realizada no dia 11 de dezembro de 2016.

chamar, pela curiosidade me perguntaram de novo o que significa Alassana, para tentar lhes explicar o que significa Alassana, eu falei assim é um nome derivado da religião muçulmana e elas assustaram e saíram correndo, e fiquei também muito assustado, eu nem sei como reagir, daí foram os meus amigos cristãos que reagiram no meu lugar, disseram para elas não confundem, pois os muçulmanos não são terroristas, a mídia é que anda mostrar as coisas bem diferentes do islã⁸.

O discurso terrorista tornou-se um palco problemático muito tendencioso, criou várias interpretações e preconceitos contra islão, criou a imagem de uma religião intolerante. Hoje em dia, o islão é visto como promotor de todos os ataques terroristas que acontecem em vários países. Os anti-islâmicos, usam mídias como recursos para criar esses preconceitos contra os referidos adeptos, através dos programas de rádio, televisões, jornais impressos, internet e vídeos postados no youtube. Desta forma, trazemos aqui os pontos de vista dos entrevistados Alassana Dem, Cálido Mango e Baticã Braima Ença Mané, combatendo essas posições preconceituosas. O papel da mídia, uma vez que ela tem uma grande influência na formação dos indivíduos, deveria ser o da desconstrução desses preconceitos.

Eu afirmo, que a estranheza que eu sinto, é aqui em São Francisco do Conde, com certeza, o povo não sabe nada sobre a religião islâmica, falo isso com uma absoluta certeza, eles só acompanham a religião pela mídia: TV Globo e Record de que, tem Estado Islâmico ou Al-qaeda, é só assim que eles conhecem a religião islâmica⁹.

As idéias dos estudantes mostram uma grande diferença em tudo que a mídia traz para que as pessoas acreditem nessas falsas informações, é óbvio que, a verdade é uma coisa transparente que prevalece e a mentira é uma falsidade que tem um início poderoso mas com curta duração. Se o islã fosse uma religião que promovesse o terrorismo, as pessoas não se converteriam para esta instituição religiosa. Visto que, quando aconteceu o 11 de setembro, houve muitas pessoas que se converteram e milhares estão islamizando-se. Acordo folha de São Paulo nos dias 08/10/2009, às 17h47 “Mapping the Global Muslim Population” (“Mapeando a população Muçulmana Global”, em tradução livre), descrito como estudo único na área, aponta que há um total de 1.571.198.000 muçulmanos em todo o mundo.¹⁰, e particularmente em Guiné Bissau são 662.751 adeptos, 45% da população.

O islamismo tem vindo a ser associado pela questão de terrorismo, sobre tudo, porque as pessoas realmente fazem interpretações das diferentes formas, tendo em conta aquilo que as pessoas têm acompanhado da imprensa e nos outros locais não

⁸ Alassana Dem, guineense, estudante do curso Bacharelado em Humanidades, campus dos Malês, entrevista realizada no dia 16 de dezembro de 2016.

⁹ Idem.

¹⁰ Últimos dados disponíveis em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2009/10/635475-quase-67-dos-muculmanos-estao-na-asia-veja-mapa.shtml>, consulta realizada em 29 de novembro de 2017.

religiosamente islâmicos, então, a interpretação do islamismo, nesse contexto, sempre vai modificando pela própria mídia, isso é preocupante¹¹.

Dito de outra forma, a religião islâmica, está sendo narrada aleatoriamente por não muçulmanos, incrementando tudo que está fora dela. Esclarecendo essa distinção, podemos assim dizer que, no islamismo é inaceitável essa crueldade, um muçulmano não lida com terrorismo de maneira alguma, mas sim, com boas práticas e deve cumprir as suas orações no tempo e no espaço. Os trechos a seguir expressão muito bem a posição da religião. “E que surja de vós um grupo que recomende o bem, dite a retidão e proíba o ilícito. Este será (um grupo) bem-aventurado” (Alcorão, 3:104). Essa é a recomendação do Sagrado Alcorão que os muçulmanos seguem como a orientação.

Deus nunca suporta quem faz mal às outras pessoas, isto está evidente em vários capítulos do livro sagrado. “Os crentes e as crentes são protetores uns dos outros; recomendam o bem, proíbem o ilícito” (Alcorão, 9:71). Esses crentes têm grande respeito por outras entidades religiosas, os muçulmanos dão direitos a todos os seus vizinhos, mesmo que as religiões sejam diferentes, é a obrigação de um muçulmano durante a sua vida inteira.

Quem dentre vós presenciar uma ação condenável, que se oponha a ele com suas mãos; se não puder, que o faça com suas palavras; se também não puder, que o faça com o coração, sendo que isto é o mínimo que se espera da sua fé. (IMAM, apud Musslim, p.91)

Daí pode-se alegar que o terrorismo não é ato de um crente, de modo contrário, é um ato feito politicamente pelas pessoas para alcançar seus objetivos num determinado espaço. Os terroristas se apoiam no islã, mas seus atos não têm nada a ver com religião islâmica, eles só fazem isso em busca de seus interesses, tais como: Isis, El, Bokoharam e Alqaeda e o caso da El e Al-qaeda.

O EL é uma organização terrorista, mas não é somente uma organização terrorista. Ele também é uma máfia adepta em explorar mercados obscuros transnacionais que existem há décadas para o tráfico de petróleo e armas. É uma organização militar que mobiliza e distribui soldados de infantaria com uma precisão profissional que impressionou membros do exército norte-americano. É um aparato sofisticado de coleta de inteligência que se infiltra em organizações rivais e recruta silenciosamente membros ativos antes de assumir o controle total dessa organização, derrotando-os no campo de batalha ou tomando suas terras. (MICHAEL, 2015, p.11).

¹¹ Cálido Mango, guineense, estudante do Bacharelado em Humanidades, campus dos Malês, entrevista realizada no dia 12 de dezembro de 2016.

Um grupo ou organização, quando quer atingir o alvo com precisão, cabe a ele escolher duas opções: trabalhar de maneira legal ou ilegal, mas caso, tenha má intenção, ele se torna um violento ou opressor dentro de um território, começando a praticar o terrorismo contra as pessoas. Cria-se um medo entre as pessoas, um regime de violência, assassinatos, bombardeios, sequestros, com uso da força, para dominar hegemonicamente e materialmente.

Esse tema de pesquisa justifica-se por ser uma chave desmistificadora, afim de fazer uma ruptura com a islamofobia, trazendo os fatos, as experiências vividas, para desconstruí-la. O islã veio da palavra As-salam que significa a paz e submissão a um único Deus (Allah), enquanto o terrorismo veio da palavra Terror, fazer crueldade contra as pessoas. Por isso, devemos distinguir claramente, essas duas palavras. “A verdade é que o terrorismo tem um significado bastante precioso. O termo deriva de *terror* e é relativamente recente no léxico das línguas de origem latina e anglo-saxónicas. Ele nasceu para caracterizar procedimentos da época do Terror, na França” (PINHEIRO, 1982, p. 52). Bem, indo de encontro ao nosso entrevistado, vejamos como pensa o estudante africano, adepto da religião muçulmana.

A religião islâmica é religião de paz, nela acredita-se num único Deus e no profeta Mohammad (S¹²) como seu mensageiro. E deve-se observar/cumprir com os pilares da fé e do islã. Quanto ao terrorismo, é ato de certas pessoas que tiram a vida de outras pessoas geralmente através de bombas, sendo que na maioria dos casos os praticantes desse ato se suicidam, morrendo juntamente com as vítimas¹³.

Os muçulmanos não são terroristas, o que temos são terroristas que se auto-denominam muçulmanos e atuam fanaticamente, que não tem nenhuma conexão com islamismo, de forma que a religião é usada, é de maneira estratégica por um grupo de pessoas. Ao explicar a apropriação dos terroristas em nome do islã, trazemos aqui o ponto de vista de Baticã Braima Ença Mané¹⁴ estudante muçulmano.

Bom, eu digo que não, porque a religião islâmica, nas suas recomendações não há nenhum ponto que fala da questão de tirar vida ou matar uma pessoa pelo bel prazer porque a vida é de Allah, ninguém tem autoridade de tirar a vida de qualquer pessoa então, eu acho que a religião não tem nenhuma relação com terrorismo, é um caso diferente, porque há pessoas que escondem a trás da religião praticando seus atos, dizendo que estão defendendo uma causa justa através do islã.

¹² Daqui por diante a letra (S) no texto refere-se a abreviação do nome do profeta Muhammad, que é sala lahu aleihim wa-salam, significa, (a paz e a benção de Allah estejam com ele).

¹³ Abdulai Danfa, guineense, estudante de Letras, campus Redenção, entrevista realizada no dia 11 de dezembro de 2016.

¹⁴ Baticã Braima Ença Mané, guineense, estudante do curso de Letras, campus dos Malês, entrevista realizada no dia 12 de dezembro de 2016.

Todorov (2010, p. 121) elucida muito bem esta problemática ao afirmar que “deve-se evitar a confusão entre islamismo e terrorismo: nem todos os terroristas são islamitas (...); o terrorismo contemporâneo é uma modalidade de ação em que as origens e objetivos não são, absolutamente, de natureza religiosa”. Indagamos como os fiéis assumem matar as pessoas em nome de Deus, dizendo Allah Akhbar? Não faz sentido pensar que são muçulmanos que matam essas pessoas. Os islâmicos não estão a forçar ninguém a fazer conversão para professar a fé. “Não há imposição quanto à religião, porque já se destacou a verdade do erro” (Alcorão 2:256). Isso é a prova de que cada qual é livre na sua crença e ninguém pode obrigar um indivíduo a professar a fé islâmica. A converção deve ser um livre árbitro, vontade de cada um.

Dize-lhes: Ó adeptos do livro, vinde, para chegarmos a um termo comum, entre nós e vós: comprometamo-nos, formalmente, a não adorarmos senão a Allah, a não lhe atribuímos parceiros e a não nos tomarmos uns aos outros por senhores, em vez de Allah. Porém, caso se recusem, dize-lhes: Testemunhai que somos muçulmanos. (ALCORÃO, 3:64).

É óbvio que, existe dentro do Alcorão sagrado o *Jihad* mas não no sentido dos atos cometidos pelos terroristas. Não se pode traduzir a palavra Jihad para guerra santa, acredita-se que não existe guerra santa na concepção islâmica, da mesma maneira pode-se concluir que a palavra guerra santa foi inventada por historiadores europeus, quando eles queriam caracterizar o movimento das Cruzadas. Hoje estão a difamar o islã antagonicamente por crimes feitos pelos terroristas, os fiéis estão sendo atacados pelos não-muçulmanos, afirmamos novamente que esse caso é muito polêmico, pois podemos estar permanentemente vivendo num choque religioso e cultural, sem fundamentação teológica. Nesse sentido, nos apoiamos na reflexão do Todorov (2010, p. 111): “Quando uma multidão, dominada pela raiva, exige a morte de uma professora primária inglesa que teria ofendido o Profeta – esse caso ocorreu no Sudão, em novembro de 2007 –, o verdadeiro objetivo consiste na defesa, não propriamente do islã, mas da honra”.

Ao longo das diversas leituras feitas do Alcorão, não foi encontrada a palavra guerra santa, por certo, nem se quer nas traduções corânicas em outras línguas. Só que hoje, o Jihad foi contextualizado de modo falsificado, anormal, isso é um crime lexicográfico, na verdade Jihad é tudo que um indivíduo faz no caminho de Deus, ou seja, esforço pessoal para ter uma vida digna e estável de maneira lícita.

Por ato jihadista, entende-se como uma ação de um indivíduo, cujo esforço no caminho de Deus, cumprir suas orações, ajudar os necessitados a resolver seus problemas,

quer seja políticos ou assuntos familiares, financiar, construir hospitais, mesquitas, escolas, solucionar ou mediar os conflitos nas casas, nas ruas, nos bairros, nas cidades e até nos países vizinhos. Abu Saíd Al khudri relatou que o Profeta (S) disse: “O melhor *jihad* (profia pela causa de Deus) é a pessoa falar o que é justo perante um governante tirano (IMAM apud ABU e TIRMIZI, 676-631 p.93). Na verdade, na maioria dos casos, nós mesmo vivemos praticando o jihad, o que isto quer dizer, o sujeito faz da sua rotina diária uma luta. Porque as pessoas lutam para se ajudar e ajudar a família, como no caso dos imigrantes nos países vizinhos e nas diásporas em busca de uma melhor qualidade de vida, para sobreviver, outros procurando conhecimentos afim de ter um futuro melhor, enfim, nos mais variados casos.

Não é aleatoriamente que a palavra Jihad existe no Alcorão Sagrado, independentemente do seu uso na língua árabe, o seu sentido bem contextualizado está explícito nos dois livros: O Sagrado Alcorão e Riadh-us-Sálihín sunna do Profeta Muhammad (a paz e a benção de Allah estejam com ele), que são os seus *Ahadices* ou relatos proféticos. Continuando nessa linha de pensamento podemos chegar a indagação que em muitos países islâmicos que foram usurpados pelo ocidente ou seja colonizadores, como deveriam ser as reações desses povos com a metrópole? É óbvio que, eles lutaram contra os inimigos, até conquistar suas independências, pois os colonizadores eram tirânicos, nessa ótica, a palavra luta tornou-se significado do jihad, o que podemos traduzí-la como luta espiritual, luta no caminho de Deus e luta contra opressores, porém ela deve ser feita numa verdadeira razão, como ajudar a construir uma boa sociedade.

Ao contrário, ele pode ser um esforço ilícito, pois terrorizar e assassinar pessoas, jamais será igual para quem esforçou-se licitamente. O objetivo dos Estados Unidos, França e Rússia é o apossamento dos recursos naturais, mas fazem uso de um discurso retórico de que estão mediando os conflitos, será que é necessário fazer bombardeios numa mediação dos conflitos? “O próprio movimento das Cruzadas, (...) foi inspirado por um grande número de outros motivos que, simplesmente, eram menos confessáveis; preferiu-se, então, declarar que era necessário libertar Jerusalém (TODOROV, 2010, p.111).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Os dois autores, Tzvetan Todorov e Priscila **dos** Santos, em suas respectivas obras, *O medo dos bárbaros – para além do choque das civilizações*, e *O estudo da islamofobia através dos meios de comunicação*, foram escolhidos como referenciais teóricos deste projeto de pesquisa através dos seus conceitos, choque de civilizações e islamofobia. Sem dúvida alguma, consider-se-á as suas visões, como sendo reflexões teóricas nos seus campos de pesquisa e/ou suas linhas de pensamento.

Compreende-se que, o foco deste projeto será lincado aos conceitos científicos já trabalhados pelos indicados autores do referencial teórico. Ressaltando esse ponto, vamos citar algumas reflexões do Tzvetan Todorov a respeito das razões motivadoras para os “terroristas”.

Em setembro 2007, no termo de logos interrogatórios a que foi submetido um terrorista potencial, preso na Alemanha, o delegado tirava esta conclusão: sua principal motivação é o "ódio contra o cidadão norte-americano". Portanto, não é obrigatório optar por razões de natureza religiosa para explicar os atos de agressão. Um (...) indonésio, Ali Ghufron, que está preso enquanto aguarda a condenação à morte. "Ele diz que se trata de uma guerra, relata seu cunhado. A América matou nossos civis na Tchetchênia(sic) e no Afeganistão, e alhures; portanto, havemos de nos vingar deles (TODOROV, 2010, p.110).

A partir desse exemplo, podemos chegar a uma reflexão de que não se pode justificar o terrorismo como um ato islâmico mas por vezes, como uma resposta a política internacional estadunidense...

Agora, trazendo o ponto de vista do Sheikh Muhammed Salih Al-Munajjid, em artigo escrito em 2011 para o site “Brasileiros Muçulmanos”, que foi citado por Priscila dos Santos...

O objetivo do jihad não é a morte de civis que não compactuam com o islamismo, mas sim, a divulgação da religião visando atrair cada vez mais fiéis, para que o islamismo possa se expandir pela Terra e triunfar sobre as outras religiões. [...]No entanto, o jihadismo assumido pelo EIIL e pela Al-Qaeda se impõe por meio de combates armados para a conquista de Estados islâmicos, atacando até mesmo muçulmanos, como por exemplo, os da minoria yazidis que é considerada infiel pelo grupo terrorista. O terrorismo existe desde a era dos Impérios, mas ganhou maior visibilidade após o atentado de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, que matou 2.996 pessoas. (PRISCILA, apud SHEIKH, 2016, p.6).

Logo, pode-se dizer que, o terrorismo não é o sinónimo do islã, o tal não deve ser visto como duas caras de uma só moeda. O que se deve entender do terrorismo, é que ele não

apresenta nenhum caráter religioso, de jeito como religião é. Logo, terrorismo tende um atitude que vai acontrário da própria religião. Mostrando essa separação, é preciso fazer um dialogo entre esses dois autores. Portanto, nessa ocasião, o Seikh ressaltou os pontos lucidativos que visam a intenção dos fiés muçumanos.

Ele quer nos dizer que, islamismo não refere-se ao terrorismo mas sim divulgá-lo no sentido de obter mais adeptos no mundo, sem derramamento de sangue e hostilidade contra as pessoas. De certa maneira, Todorov, já tinha mencionado esse tipo de ponto esclarecido no seu livro, por “terrorismo não ser o ato religioso”. Sendo assim, Santos (2016) vai nos dizer que “A visão de um mundo árabe perigoso vem sendo disseminada pelos ocidentais até os dias atuais, sobretudo através dos meios de comunicação.” A partir do dito esclarecimento do autor, é possível compreender-se que, o medo contra os árabes, foi produzido pelos próprios europeus, inclusive o de 11 de setembro que veio criar má visão sobre essa nação. Por outro lado, colocou em causa a religião islâmica que a mídia nunca fez as separações entre as ambas partes.

Logo, as duas são tratadas de maneira diabolizantes. Por isso quem carrega com ele a bomba explosiva no meio das pessoas, é um radical islâmico e ainda é associado com árabe.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

- Apresentar uma interpretação do Islamismo que promova uma ruptura com a islamofobia, superando o senso comum universal e os preconceitos sobre a religião, por meio de um arcabouço teórico, reflexivo e de diferentes fontes de pesquisas.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar as diferentes percepções do Islamismo no Brasil;
- Apresentar relatos e experiências a partir da vivência do Islã nos processos de intercâmbio acadêmico.

5 METODOLOGIA

A dimensão acadêmica do tema exige um diálogo com revistas, entrevistas, livros específicos e jornais. As entrevistas serão fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, porque elas poderão apresentar uma compreensão da religião islâmica a partir das vivências dos estudantes africanos de intercâmbio. Serão entrevistados 07 (sete) estudantes africanos, algumas já realizadas, e 02 (dois) brasileiros, todos devidamente matriculados na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, dos campi dos Malês¹⁵ (Bahia), Aurora, Liberdade e Palmares (Ceará). Os estudantes que já foram entrevistados através de questionários semi-diretivo são: Fatumata Binta Embaló, Dala Djop e Abdulai Danfa e os diretivos, Baticã Braima Ença Mané, Cálido Mango e Alassana Dem.

O livro *Alcorão Sagrado*, traduzido por Samir El Hayek, será utilizado como consulta, interpretação e análise para contrapor as posições preconceituosas, as práticas islamofóbicas. Esse livro é fundamental, nele podemos encontrar os fatos históricos para interpretarmos melhor as presentes situações mundanas. O *Alcorão Sagrado* fala de todas as leis e modos de vida, ele é composto pelas palavras divinas de Deus, as quais seus mensageiros transmitiram para os homens.

Para a análise interpretativa, considera-se igualmente importante o Livro *Riadh-us-Sálihín* (O jardim dos virtuosos), obra que consiste em relatos e ensinamentos do Profeta Muhammad (a paz e a benção de Allah estejam com ele), que supervisiona todas as regras de um crente ou obediente, afim de se poder ser guiado em benfeitoria das boas práticas como um adepto, também ele é um complemento do *Alcorão Sagrado*. Enquanto instrumento de pesquisa será utilizado o método qualitativo a partir de uma análise dos materiais coletados, nas entrevistas, procuraremos interpretar as experiências e vivências dos estudantes frente aos

¹⁵ Nesse projeto, pretendemos fazer homenagem ao campus dos Malês, aqui em São Francisco do Conde, uma vez que ele merece o tal prestígio. **A Revolta dos Malês** foi um movimento que ocorreu na cidade de Salvador (província da Bahia) entre os dias 25 e 27 de janeiro de 1835. Os principais personagens desta revolta foram os negros islâmicos que exerciam atividades livres, conhecidos como negros de ganho (alfaiates, pequenos comerciantes, artesãos e carpinteiros). Apesar de livres, sofriam muita discriminação por serem negros e seguidores do islamismo. Fonte de acesso desta informação: https://suapesquisa.com/historiadobrasil/revolta_dos_males.htm, consulta realizada em 29 de novembro de 2017.

preconceitos e a islamofobia, tanto dentro quanto fora do espaço acadêmico. Os jornais (as reportagens, matérias, imagens e vídeos) que por ora serão utilizados, constituirão em matérias de pesquisa, para análises e interpretações, tais como artigos jornalísticos publicados no jornal A Tarde (Salvador) e O Povo (Fortaleza).

REFERÊNCIAS

ALI, Ayann Hirsi. **Herege – por que o islã precisa de uma reforma imediata**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CARVALHO, Suely Ferreira de. **O choque, a aliança, o contrato: perspectivas da aliança de civilizações face à teoria do choque de Samuel Huntington e ao advento da Primavera Árabe**. Monografia (Especialização em Relações Internacionais) —Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

CHÉRIF, Mustapha. **El islam y Occidente: encuentro com Jacques Derrida**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2007.

HELFONT, Samuel. **The Sunni Divide: Understanding Politics And Terrorism In The Arab Middle East**. Foreign Policy Research Institute, November, 2009. Consultado em 20 de setembro de 2017 – www.fpri.org.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HASSAN HASSAN, Michael weiss. **Estado Islâmico: desvendando o exército do terror**. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2015.

YAHIA, Imam Abu Zakaria. **O jardim dos virtuosos**. São Paulo: Centro de Divulgação do Islã, 2014.

MACHADO, Janaina. **Islamismo 2.0**. Monografia. Pós-graduação em Relações Internacionais. Rio de Janeiro: Universidade La Salle, 2011.

MAZLOUM, Ahmad. **Alcorão: revelação divina ou autoria humana?** São Paulo: All Print Editora, 2016.

RICHARDSON, Harry. **The story of Mohammed islam unveiled**. USA: Creatspace Pub, 2013. REIS, J. J. **Rebelião Escrava no Brasil - a história do levante dos malês em 1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Priscila Silva. **O estudo da islamofobia através dos meios de comunicação**. Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 79-90, 10 de nov. 2016. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br> . Acesso em: 10 de nov. 2016

TZVETAN, Todorov. **O medo dos bárbaros – para além do choque das civilizações**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.